

Catálogo na publicação

Biblioteca Dante Moreira Leite

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Jornada APOIAR (12.: 2014: São Paulo)

Anais da XII JORNADA APOIAR: A CLÍNICA SOCIAL - PROPOSTAS, PESQUISAS E INTERVENÇÕES realizada em 5 de Dezembro de 2014 em São Paulo, SP, Brasil / organizado por Leila Salomão de La Plata Cury Tardivo. Tania Maria José Aiello Vaisberg - São Paulo : IP/USP, 2014

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-86736-59-9

1. 1 1. Psicologia clínica 2. Psicologia Social 3. Direitos Humanos

4. Clínica I. Título.

RC467

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-86736-59-9



# **O USO DE DOCUMENTÁRIOS NA PESQUISA QUALITATIVA PSICANALÍTICA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

*MARIA JULIA CHINALIA*

*RAFAEL AIELLO-FERNANDES*

*TÂNIA MARIA JOSÉ AIELLO-VAISBERG*

## **RESUMO**

Esta comunicação tem como objetivo tecer considerações metodológicas ao redor do uso do método psicanalítico no estudo documentários cinematográficos centrados em entrevistas de pessoas. Este tipo de pesquisa se insere num conjunto de investigações que tem permitido tanto o estudo de imaginários coletivos como da experiência emocional de indivíduos e coletivos.

Palavras Chave: Experiência Emocional, Documentários, Pesquisa Psicanalítica.

## **Introdução**

O objetivo deste trabalho é apresentar o uso de produções cinematográficas em pesquisas qualitativas que focalizam imaginários coletivos e experiência emocional. Justifica-se na medida em que essa tem se revelado uma alternativa promissora para a produção de conhecimento científico. Apresenta-se, desse modo, como uma das abordagens qualitativas possíveis, como a etnografia, a análise de discurso, a pesquisa de ação e a abordagem feminista, entre outras. Consideramos que essa pluralidade metodológica não é acidental, mas sinal de coerência com uma visão da psicologia como ciência hermenêutica, segundo a qual todo conhecimento é posto em perspectiva e toda conclusão é posta em cheque quanto seu aspecto definitivo, uma vez que toda compreensão interpretativa pode ser sempre suplementada e, deste modo, continuamente transformada (Banister et. al., 2006).

Como gênero ficcional ou não, as produções cinematográficas permitem o acesso a situações da vida real e ao depoimento de pessoas, que participam na qualidade de atores culturais ou teatrais. Não podemos, como psicólogos, assumir que se comportam diante da câmera como o fariam sem ela ou sua equipe, pois nenhuma conduta, por mais

psicótica que seja, se faz na total e duradoura desconsideração do ambiente. No entanto, entendemos que a atuação diante da câmera permite a comunicação com um número maior de pessoas, visando plateias potenciais. Este posicionamento é o que interessa de fato. A nosso ver, a produção cinematográfica permite a manifestação de subjetividades num campo de encontro inter-humano.

Desse modo, abordar psicanaliticamente uma obra de cinema corresponde a um encontro com alguém que se dirige a nós, de modo paradoxalmente preciso e vago, através de uma câmera. Consiste, metodologicamente falando, no que se pode denominar uma pesquisa psicanalítica empírica na medida em que se organiza por meio do uso do método psicanalítico na pesquisa de fenômenos humanos que se dão fora do enquadre de atendimento padrão. Segue, basicamente, o delineamento que tem sido utilizado em diversas teses, dissertações e artigos, contando como exemplo os trabalhos de Arós e Aiello-Vaisberg (2009), Corbett et. al. (2012), Montezi et. al. (2013) e Borges, Barcellos e Aiello-Vaisberg (2013).

### **Apresentando o Método**

O método psicanalítico pode ser definido de modo preciso como uma forma geral de compreensão dos fenômenos humanos, que se põe em marcha através da associação livre de ideias e da atenção flutuante. De um ponto de vista lógico inscreve-se, hoje, entre os chamados métodos qualitativos de pesquisa, na medida em que estes últimos são definidos como estudos interpretativos, sempre contextualizados, de questões humanas, que se apresentam como problemas relativos a ações e experiências de seres humanos (Banister et al, 2006).

Laplanche e Pontalis (1967/1992) definem a atenção flutuante como o modo através do qual o analista deve escutar o paciente, não privilegiando, a priori, qualquer elemento de seu discurso, o que implicaria um funcionamento mais livre possível de sua atividade inconsciente. A associação livre, por sua vez, corresponderia, a seu ver, ao cultivo da tentativa de exprimir indiscriminadamente todos os pensamentos, sem sobre eles exercer qualquer tipo de censura.

Esta compreensão canônica dos passos constituintes do método psicanalítico foi ampliada, em nosso Grupo de Pesquisa, na medida em que compreendemos que tanto a atenção flutuante como a associação livre de ideias - ambas praticadas tanto pelo paciente como pelo analista, como duas faces da mesma moeda - podem ser entendidas como abertura fenomenológica e existencial para o acontecer clínico (Avila, Tachibana e

Aiello-Vaisberg, 2008). O mesmo método pode ser usado de modo rigoroso na abordagem de produções culturais, exigindo o mesmo cultivo de uma atitude aberta, a partir do olhar particular da psicanálise que demanda, por sua vez, desapego a crenças e teorias (Arós e Vaisberg, 2009).

Inspiramo-nos na obra de Politzer (1928/1998) para compreender que o pressuposto fundamental, sobre o qual esse método se assenta, é o de que *toda conduta humana é atravessada por múltiplos sentidos que emergem a partir das experiências concretas de vida das pessoas e coletivos humanos*. Esse pressuposto, que consideramos ético e inclusivo (Aiello-Vaisberg, 1999) é a inspiração fundamental do método psicanalítico, e justifica a consideração da psicanálise como uma possibilidade de ruptura com a tradição abstracionista da psicologia clássica. A partir da leitura do texto politzeriano, José Bleger (1963/1989) faz justiça à necessidade de retorno à concretude da experiência, compreendendo toda manifestação humana como conduta, ou seja, em sua totalidade significativa, que tem sempre um caráter vincular.

De acordo com Bleger (1963/1989), a conduta corresponde a manifestações humanas que se expressam, sempre e simultaneamente, em três áreas: mental, corporal e de atuação no mundo externo. A qualificação de uma conduta como pertencente a algum destes três campos seria dada, então, pela predominância de algum deles em dado momento. No que se refere à amplitude do fenômeno a ser estudado, a conduta pode ser compreendida em três âmbitos: o do indivíduo, o de grupo e o de instituições, como práticas ou normas. Finalmente, a conduta humana deve ser considerada como emergente de contextos ou campos. Segundo a ótica blegeriana, cabe distinguir três subestruturas nos campos da conduta: o ambiente ou subcampo geográfico, que corresponde, praticamente, ao que pode ser percebido por um observador relativamente externo ao acontecer em pauta; o subcampo psicológico, que abrange as experiências vividas e, finalmente, o subcampo da consciência, que consiste nas experiências que são conscientemente vivenciadas num certo momento.

Adotando as recomendações metodológicas de Bleger (1963/1989), temos utilizado o método psicanalítico, em nosso Grupo de Pesquisa PUC-Campinas/CNPq, Atenção Psicológica Clínica em Instituições: Prevenção e Intervenção, para focalizar um tipo particular de condutas que denominamos imaginários coletivos. Trata-se de manifestações simbólicas de subjetividades grupais, que geram produtos e conformam ambientes humanos configurando, desta forma, verdadeiros mundos vivenciais onde se mesclam dimensões históricas, sociais, culturais, psíquicas e emocionais.

Tais ambientes que são, por sua vez, o contexto em que emergem novas condutas, tais como práticas, sentimentos, ideias, obras e instituições, organizam-se a partir de um substrato afetivo emocional, que normalmente não é consciente, que temos denominado, nos diferentes trabalhos produzidos em nosso Grupo de Pesquisa, como campos de sentido afetivo-emocionais ou inconscientes relativos<sup>18</sup>. Usamos esta terminologia a bem da clareza, mas deve ficar evidente que corresponde, desde uma perspectiva blegeriana, à grande porção do campo psicológico, que, por seu turno, é sempre vincular, sem coincidir com o campo da consciência. Compreendemos os campos de sentido afetivo-emocional como o substrato a partir do qual emergem as manifestações de conduta, o que permite que sejam compreendidas como acontecer humano.

Entretanto, as diversas pesquisas realizadas sobre imaginários coletivos, que envolvem sempre o que determinado grupo social imagina sobre outro grupo, passando por estudos em que focalizamos o imaginário de um grupo sobre si mesmo, (Cabreira et. al., 2007). Mais recentemente, viemos a diversificar nossos objetivos investigativos, na medida em que passamos a focalizar a experiência emocional de indivíduos que pertencem a grupos sociais discriminados. Assim, enquanto prosseguimos com o estudo de imaginários coletivos, passamos simultaneamente a considerar mais proximamente os efeitos subjetivos do preconceito e discriminação sobre aqueles que são seus alvos. Esta nova empreitada exigiu-nos uma ampliação de leituras, que passaram a incluir as contribuições de autores como Fanon (1952), cuja abordagem da experiência vivida pela vítima do racismo muito contribui para a produção de um conhecimento compreensivo. Na mesma linha, os ensaios de Memmi (2007), que abordam as experiências emocionais de colonizadores e colonizados, são eloquentes ao indicar a importância desse tipo de estudos. Deste modo, entendemos que estudos sobre imaginários e sobre experiência emocional podem confluír fecundamente na produção de conhecimento sobre preconceito, humilhação e sofrimento.

Curiosamente, o conceito de experiência não figura nos mais importantes dicionários de psicanálise, tais como o Laplanche e Pontalis (1967), Moore e Fine (1990)

---

<sup>18</sup> O leitor interessado pode consultar as seguintes produções : Barreto, M.A.M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2007), Couto, T.H.A.M., Tachibana, M., Aiello- Vaisberg, T.M.J. A (2007), Ávila, C. F.; Tachibana, M.& Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2008), Pontes. M.L.S.; Cabreira, J.C.; Ferreira, M.C.& Aiello- Vaisberg, T.M.J. (2008), Russo, R.C.,T., Couto, T. H. A. M. e Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2009), Martins, P. C. R., & Vaisberg, T. M. J. A. (2009), MARTINS, P. C. R.; Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2009), Martins, P.C.R.; Aiello- Vaisberg, T.M.J. (2010), Barcelos, T.F.; Tachibana, M.& Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2010), Cabreira, J.C.; Pontes. M.L.S.; Tachibana, M.& Aiello- Vaisberg, T.M.J. (2010), Fialho, A. A.; Fernandes, R.A.; Montezi, A. V. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2012), Granato, T.M.M. Aiello-Vaisberg T.M.J. (2013), Montezi, A.V.; Barcelos, T.F.; Ambrosio, F.F.; Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2013), Gallo-Belluzzo, S.R., Corbett, E.; Aiello-Vaisberg,T.M.J. (2013), Tachibana, M. ; [Montezi, A. V.](#) ; Barcelos, T.F. ; Sirota, A.; Vaisberg, T. M. J. A. (2014).

ou no de Roudinesco e Plon (1998), apesar do termo ser frequente nos textos psicanalíticos freudianos e pós-freudianos. Entretanto, talvez não seja difícil compreender porque um conceito altamente valorizado pela fenomenologia não ganhe suficiente destaque na psicanálise, se nos lembrarmos de que a metapsicologia, tão valorizada desde que foi proposta, é uma construção sofisticada de tipo energético e não hermenêutico.

Se a mais acabada construção teórica, a metapsicologia, corresponde ao modelo de um aparelho físico percorrido por energias impessoais, não se pode negar que a prática clínica sempre se fez sob forma de interpretação de sentidos afetivo-emocionais, via de regra não conscientes, das comunicações dos pacientes. Assim, somos forçados a reconhecer que coexistem, no interior do freudismo, uma vertente metapsicológica e uma teoria do sentido (Politzer, 1928). Atualmente, esta visão é consensual. Entretanto, diferentes têm sido os posicionamentos adotados pelos estudiosos diante dessa questão. Muitos autores importantes, como Ricoeur (1987), que vem sendo bastante estudado entre nós (Franco, 1995), defendem o respeito a tal duplicidade, vendo aí uma prova da riqueza do pensamento freudiano. Outros acreditam ser possível abrir mão das formulações metapsicológicas e trabalhar em termos exclusivamente interpretativos. Esta é a opção de autores como Politzer (1929), Bleger (1963), Stolorow, Brandchaft e Atwood (2000) e Mitchel (1988), entre outros. Nosso Grupo de Pesquisa tem aderido a esta perspectiva, combatendo as especulações metapsicológicas como equivoco que gera consequências que conspiram contra o reconhecimento de que a psicologia é uma ciência humana.

Contudo, não é preciso grande esforço para perceber que o conceito de experiência ocupa posição central na vertente dramática da psicanálise, aquele que, entre nós, tem-se firmado como psicologia concreta da conduta (Bleger, 1963). Este conceito está no próprio cerne daquilo que é definido como dramática e como conduta, no sentido blegeriano. Assim, defendemos que o conceito de experiência que, sob a pena de Merleau-Ponty (1945), justamente demonstra que vivemos nossa experiência imediata, de modo sensível e pré-reflexivo, corresponde a um ponto de partida fundamental para a psicanálise. No que diz respeito aos nossos interesses imediatos de pesquisa, trabalhar com o conceito de experiência emocional é fundamental, já que estamos interessados em conhecer a realidade pessoal de indivíduos vítimas de preconceitos. Trata-se, portanto, de focalizar a experiência vivida, expressão com a qual queremos designar o que Politzer

(1928) referiu como “fato psicológico em primeira pessoa”, compreendendo os múltiplos sentidos, conscientes e não conscientes, que plasmam a vida sócio psíquica.

Ainda que possamos conceber que aquilo que queremos significar, sob o termo experiência, possa ser perfeitamente pensado como conduta molar (Bleger, 1963), que se dá tanto em campo psicológico-vivencial não consciente como em campo da consciência, são inegáveis as vantagens do uso explícito da palavra experiência, incluindo tanto a possibilidade de teorizar de modo maximamente próximo ao acontecer humano como a de facilitar a abordagem de participantes de pesquisas, desde perspectivas éticas que norteiam a pesquisa qualitativa em psicologia (Banister et al, 2006)

De todo o modo, deslocando nosso interesse do foco em condutas imaginativas, para acrescentar a consideração da experiência emocional, posicionando a pessoa no centro mesmo do acontecer inter-humano, seguiremos utilizando o método psicanalítico justamente porque mantemos nosso interesse voltado para o estudo do substrato afetivo-emocional subjacente às manifestações humanas. Nesta linha, consideramos que abordar psicanaliticamente a experiência emocional implica tanto na identificação daquilo que foi vivido como na criação/encontro de campos de sentido afetivo-emocionais a partir este mesmo vivido emergiu.

Sendo assim, entendemos que o conhecimento psicanalítico derivará, na presente pesquisa, da produção interpretativa e, portanto, compreensiva, dos campos de sentido afetivo-emocional subjacentes à experiência emocional, o que permitirá a elaboração de teorias locais que apresentem potencial heurístico na atribuição/encontro de sentido afetivo-emocional daquilo que foi vivido. Esperamos que este tipo de conhecimento possa contribuir, ao lado de outros, produzidos por outras perspectivas e outras ciências humanas, como processo de superação de condições, eticamente inaceitáveis, de discriminação, humilhação e preconceito que alteram profundamente, pelo sofrimento que acarretam, a experiência de vida de indivíduos e coletivos.

### **Procedimentos Investigativos no Estudo de Documentários**

Quando trabalhamos com documentários que se centram em entrevistas, encontramos-nos diante de material que se presta a investigações sobre experiência emocional, mediante o uso do método psicanalítico.

Escolhemos trabalhar com este tipo de material justamente porque o método psicanalítico pode ser operado no estudo de manifestações expressivas, que nos chegam

sob a forma de produções que se inscrevem, no mundo da arte e da cultura ou jornalisticamente, segundo cunho realista. Este tipo de investigação exige que o pesquisador se coloque na posição de plateia, habitando um campo transferencial que se estabelece entre a pessoa entrevistada, a câmera, e a exposição ao material cinematográfico, que realizamos nossa investigação.

Compreendemos a exposição ao material cinematográfico, documentário ou não, curta ou longa metragem, como configuração de um encontro inter-humano peculiar, que aproxima diferentes subjetividades. A obra apresenta-se, assim, de modo inerentemente aberto e inacabado, como conduta da terceira área blegeriano de expressiva, que se abre, que demanda e exige para sua atualização, a presença do espectador.

No caso específico de documentários centrados em entrevistas, um fenômeno *sui generis* ocorre. Enquanto, no tempo presente do documentário, a pessoa conversa com o cineasta e com a sua câmera, a pesquisadora estabelece contato com o acontecer retratado, na qualidade de integrante do sujeito coletivo, a plateia, que se situa por trás da câmera. Devemos ter sempre esta peculiaridade em mente, pois o campo transferencial que aí se estabelece é diverso de qualquer outro.

A nosso ver, o fato do depoimento ser vivido como uma comunicação à plateia por trás da câmera, torna o documentário uma autêntica manifestação de subjetividade que se dá, como não poderia deixar de ser, num campo de encontro inter-humano. Assim, abordar psicanaliticamente um documentário centrado na expressão verbal e na presença total de uma pessoa, tal como em "Bagatela", corresponde a um encontro com alguém que se dirige a nós, de modo paradoxalmente preciso e vago, por meio de uma câmera cinematográfica.

Em nossa prática, temos criado uma forma de operacionalização do método psicanalítico, com o intuito de permitir intercâmbios com pesquisadores qualitativos que utilizam outros referenciais teóricos. Esta operacionalização foi inicialmente usada em pesquisas sobre imaginários coletivos, realizadas em entrevistas individuais ou grupais. A seguir, foi usada, também, no estudo de experiências emocionais a partir de entrevistas (Corbett, 2009). Seguindo nesta mesma direção, percebemos que com algumas adaptações, de menor monta, podemos nos guiar pela mesma forma de organização metodológica de procedimentos quando trabalhamos com material cultural, tais como filmes, composições musicais ou notícias e reportagens. Os documentários centrados em entrevistas, visando estudar a experiência emocional, requerem, a nosso ver, as mesmas adaptações que estes materiais.

Basicamente, a operacionalização que temos usado em nossas pesquisas empíricas consiste na distinção cinco procedimentos investigativos: procedimento de seleção, encontro, registro e interpretação do material cultural, bem como o procedimento de interlocuções reflexivas sobre as interpretações. Vale salientar que o encontro, registro e produção interpretativa do material cultural segue, fielmente, o método psicanalítico, em termos de atenção flutuante e associação de ideias. Por outro lado, a seleção pode seguir variados caminhos, que são convergentes com o espírito do método mas não exatamente o método colocado em ação. Finalmente o procedimento de interlocuções reflexivas consiste num “pensar” sobre as interpretações à luz de considerações de autores, psicanalíticos ou não, cujas visões antropológicas se harmonizam com aquelas que subjazem à psicologia concreta.

Lembrando que o estudo de produções culturais ou sociais ocorre sempre sob a forma de encontros inter-humanos que geram, no pesquisador, impactos emocionais, falando à sua sensibilidade e capacidade clínicas, podemos considerar que todo produto da ação humana é uma forma de comunicação, de indivíduos e grupos, que configura campos subjetivos relacionais. À luz desta visão, definimos, a seguir, os procedimentos investigativos apropriados ao estudo psicanalítico de documentários centrados em entrevistas.

Neste tipo de pesquisa, o primeiro procedimento investigativo a ser posto em marcha deve ser, logicamente, o da seleção do material. Este procedimento consiste basicamente em busca de materiais culturais que se faz atualmente via internet. O ponto fundamental é definir bem o problema a ser estudado, a partir do qual estabelecemos um objetivo de pesquisa, para, a seguir, definir critérios de seleção. À guisa de exemplo, mencionamos, aqui, os critérios que usamos para pesquisa de doutorado, que desenvolvemos no momento. Estamos interessadas na experiência emocional de mulheres que estiveram presas por delitos de pequena monta, conhecidos como crimes de bagatela. Estes se definem como pequenos furtos que custariam demais ao Estado para serem processados. Deste modo, são considerados insignificantes frente à condição daquele que furta. Assim, para acessar material significativo, estabelecemos os seguintes critérios: 1) busca de produções cinematográficas nacionais sobre “mulheres na prisão”; 2) busca de filmes do gênero documentário e 3) busca de produções realizadas contemporaneamente, vale dizer, durante o século XXI. A aplicação desses critérios resultou no achado da produção: “Bagatela”, de 2010, realizado sob a direção de Clara Ramos.

A questão do registro, que assume proporções bastante especiais quando trabalhamos com entrevistas, que não são, por sua natureza, reproduzíveis, fica facilitada na pesquisa como documentários, que são, em si mesmo, uma forma de registro de um encontro inter-humano. Assim, podemos utilizar o próprio filme como registro. Entretanto, visando facilitar o trabalho de interpretação, e, posteriormente, o de leitura, temos optado por realizar uma transcrição integral das falas. Vale aqui lembrar que a pequena duração dos documentários se apresenta como uma vantagem, podendo ser revistos várias vezes, sem exigir o tempo alargado requerido pelos longas-metragens. Deste modo, neste tipo de investigação, os documentários e transcrições ficam bastante acessíveis aos interessados.

No que diz respeito ao procedimento interpretativo, seguimos os mesmos passos cumpridos em todas as pesquisas realizadas em nosso Grupo de Pesquisa, que é composto por pesquisadores que compartilham formação psicanalítica e familiaridade com o uso do método psicanalítico em pesquisa empírica qualitativa.

Sendo este o ambiente grupal, podemos trazer o material para o que podemos designar como “conversações interpretativas” sobre o material. Estas são realizadas a partir do cultivo da atenção flutuante e de associações livres. Por este caminho, torna-se possível a produção interpretativa de campos de sentido afetivo-emocional, por meio da emergência contratransferencial de impressões e elaborações sobre o contato vivido com o material apresentado. Tais campos podem ser criados/encontrados a partir da observação das palavras de ordem sugeridas por Fabio Herrmann (1979): “deixar que surja”, “tomar em consideração” e “completar o desenho do sentido emergente”.

Quando, após várias “conversações interpretativas”, chegamos à definição de campos de sentido afetivo-emocional, que são sempre minimalistas, por consistirem na enunciação das regras lógico-emocionais que organizariam o substrato subjacente às condutas, estamos em condições de sair do que seriam conversas internas, para interlocuções com outros autores. Conversaremos com outros autores, psicanalíticos ou não, sobre assuntos muito bem delimitados: os campos de sentido afetivo-emocional que encontramos.

Este tipo de estudo deve ser finalizado com o procedimento investigativo que denominamos elaboração de interlocuções reflexivas, que corresponde à seção habitualmente intitulada “discussão de resultados”. Este processo consiste em examinar ideias e teorias que possam iluminar os campos de sentido afetivo-emocional produzidos,

a partir de interlocuções com autores que se debruçam sobre situações análogas às do nosso tema.

A bem da clareza, cabe destacar o fato deste procedimento se diferenciar dos anteriores, durante os quais buscamos por em marcha tanto a atenção flutuante como a associação livre, justamente por se caracterizar como um tipo distinto de trabalho intelectual. Isto não significa, no entanto, que nos afastamos da perspectiva dramática em direção a especulações abstratas e distanciadas do acontecer inter-humano, mas que este último procedimento envolve um distanciamento mínimo em relação ao acontecer vincular estudado, tal que seja suficiente para a inclusão de considerações e diálogos com outros autores.

### **Referências Bibliográficas**

Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1999). Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia. Tese de Livre Docência Barreto, M. A.; Aiello-Vaisberg, não publicada, Universidade de São Paulo, Instituto de Psicologia, SP.

Arós, A. C. S. P. C. (2009). Irrealidade, futilidade e vazio: sofrimentos radicais e sociedade contemporânea. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2009

Ávila, C. F., Tachibana, M., & Vaisberg, T. M. J. A. (2008). Qual é o lugar do aluno com deficiência? O imaginário coletivo de professores sobre a inclusão escolar. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 18(39), 155-164.

Banister, P; Burman, E; Parker, I; Taylor, M. e Tindall, C (2006). *Qualitativemethods in psychology: a researchguide*. New York, Opera University Press.

Barcelos, T.F.; Tachibana, M.& Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2010). A gravidez precoce no imaginário coletivo de adolescentes. *Psicologia Teoria e Prática* 12 (1), 85-96.

Barreto,M.A.M. & Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2007) . O tornar-se adulto no imaginário coletivo de adolescentes interioranos. *Psicologia em Revista*16 ( 2), 310-329.

Bleger, J. (1963). *Psicologia da conduta*. (E. O. Diehl, Trad.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.

Bleger, José (1958). *Psicoanálisis y dialéctica materialista*, Buenos Aires, Paidós.

Botelho-Borges, A. A., Barcelos, T. F. e Aiello-Vaisberg, T. M. J. A. (2013). Leal a si mesmo: um diálogo com o filme 'meu tio matou um cara'. In XI Jornada Apoiar: adolescência: identidade e sofrimento na clínica social- instituto de psicologia da universidade de São Paulo 22 de novembro de 2013.

Cabreira, J.C.; Pontes. M.L.S.; Tachibana, M.& Aiello- Vaisberg, T.M.J. (2013) O imaginário coletivo de adolescentes sobre a adolescência no mundo atual. Trabalho apresentado na I Jornada de Psicanálise e Fenomenologia, na Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Recuperado em: 26/04/2013 <http://serefazer.psc.br/wp-content/uploads/2012/10/Texto-I-Jornada-Psicanalise-e- Fenomenologia.pdf>

Cabreira, J. C.et. al. (2007b). “Incompreensão, vazio e oposição pueril”: o imaginário coletivo de adolescentes sobre a adolescência no mundo atual. In: Jornada De Pesquisa Em Psicanálise E Fenomenologia, 1, 2007b, Campinas.

Corbett, E. (2009). Até que a morte nos separe e outros campos do imaginário coletivo de estudantes de psicologia sobre sexualidade. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Corbett et. al. (2012). “Jean Charles” e o Preconceito contra Imigrantes: Considerações Psicanalíticas Preliminares. In X Jornada Apoiar - O Laboratório De Saúde Mental E Psicologia Clínica Social- 20 Anos: O Percurso E O Futuro – Instituto de Psicologia da USP 23 de Novembro de 2012

Couto,T.H.A.M., Tachibana, M., Aiello- Vaisberg, T.M.J. (2007). A Mãe, o Filho e a Síndrome de Down. *Paidéia*, 17(37),265- 272.

Fanon, Frantz. (1952). *Pele negra, máscaras brancas*. Trad. de Maria Adriana da Silva Caldas. Salvador: Livraria Fator.

Fialho, A. A.; Fernandes, R.A.; Montezi, A. V. & Aiello- Vaisberg, T.M.J. (2012) . O imaginário coletivo de estudantes sobre a África: um estudo preliminar. In *Proceedings of the 1st. Colóquio Internacional Culturas Jovens Afro-Brasi IAmérica: Encontros e Desencontros*.

Franco, S. G. (1995). *Hermenêutica e psicanálise na obra de Paul Ricoeur*. São Paulo, Loyola.

- Gallo-Belluzzo, S.R., Corbett, E.; Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2013) The First Experience of Clinical Practice on Psychology Students' Imaginary. *Paideia*, 23 (56), 389-396
- Granato, T.M.M. Aiello-Vaisberg T.M.J. (2013) Narrativas interativas sobre o cuidado materno e seus sentidos afetivo-emocionais. *Psicologia Clinica*, 25 (1), 17-36.
- Herrmann, F. (1979). O método psicanalítico. EPU.
- Laplanche, J. ; Pontalis, J.B. (1976). Vocabulaire de l'psychanalyse. Editions Presses Universitaires de France, Vendôme.
- Martins, P. C. R., & Vaisberg, T. M. J. A. (2009). Dificuldades sexuais masculinas e Imaginário Coletivo de universitários: um estudo psicanalítico. *Barbarói*, 31( 2), 18-35.
- Martins, P.C.R.; Aiello- Vaisberg, T.M.J. (2010). "Será que ele é?" Imaginário coletivo sobre homossexualidade. *Perspectiva* (Erexim), v.33, p.43-52.
- Memmi, A. (2007). Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Merleau-Ponty, M. (1945). Fenomenologia da percepção (C. Moura, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Mitchel, S.A. (1988). Relational concepts in psychoanalysis: na integration. Cambridge. Harvard University Press.
- Montezi et. al. (2013). Linha de Passe: adolescência e imaginário em um filme brasileiro. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 74-88, abr. 2013.
- Montezi, A.V.; Barcelos, T.F.; Ambrosio, F.F.; Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2013) Linha de Passe: Adolescência e Imaginário em um filme brasileiro. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 74-88, abr.
- Moore, B.; Fine, R. (1990). Psychoanalytic terms and concepts. New Haven, Yale University Press.
- Parker, J. (2005). Qualitative psychology: introducing radical research. London Open University Press.
- Politzer, G. (1975). Critica dos fundamentos da psicologia (2a ed.). Lisboa: Presença. (Original publicado em 1929).

Pontes, M.L.S.; Cabreira, J.C.; Ferreira, M.C. & Aiello- Vaisberg, T.M.J. (2008). Adoção e exclusão insidiosa: o imaginário de professores sobre a criança adotiva. *Psicologia em Estudo*, 13(3), 495-502.

Ricoeur, P. (1987) *Teoria da interpretação*. Lisboa : Editora 70, 1987. p.43-48, 62-74, 146.

Roudinesco E. , Plon M. (1998) *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

Russo, R.C.,T., Couto, T. H. A. M. e Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2009). Imaginário Coletivo de Estudantes de Educação Física sobre Pessoas com Deficiência. *Psicologia e Sociedade*, 21 (2), 250-255.

Stolorow, R.D.; Brandchaft B & Atwood, G. E. (2000). *Psychoanalytic treatment: an intersubjective approach*. Hillsdale, NJ Analytic Press.

Tachibana, M. ; [Montezi, A. V.](#) ; Barcelos, T.F. ; Sirota, A. ; Vaisberg, T. M. J. A. (2014). Who are the teenagers of today? Collective imaginary of Brazilian teachers. *International Journal of Information and Education Technology*, v. Vol.5(1), p. 474-49.